

Rafael V. Orden Jiménez
Alberto Bernabé Pajares
Ignacio Pajón Leyra (eds.)

La filosofía griega y su legado

Homenaje a Tomás Calvo Martínez



Guillermo
Escolar
EDITOR

En la edición de esta obra ha colaborado el Departamento de Filosofía y Sociedad de la Universidad Complutense de Madrid.

1ª edición, 2021

© Los autores, de sus respectivas contribuciones al presente volumen

© Guillermo Escolar Editor S.L.
Avda. Ntra. Sra. de Fátima 38, 5ºB
28047 Madrid
info@guillermoescolareditor.com
www.guillermoescolareditor.com

Diseño de cubierta: Javier Suárez

Maquetación: Equipo de Guillermo Escolar Editor

ISBN: 978-84-18093-95-1

Depósito legal: M-19618-2021

Impreso en España / Printed in Spain

Kadmos

P.I. El Tormes, Río Ubierna 12-14

37003 Salamanca

Reservados todos los derechos. De acuerdo con lo dispuesto en el Código Penal, podrán ser castigados con penas de multa y privación de libertad quienes, sin la preceptiva autorización, reproduzcan o plagien, en todo o en parte, una obra literaria, artística o científica, fijada en cualquier tipo de soporte.

A crítica de Kant a Epicuro na *Vorlesung zur Moralphilosophie*

ANTÓNIO MANUEL MARTINS

Universidade de Coimbra

Neste texto pretendemos ver como é que Kant analisa e critica as teses centrais de Epicuro no domínio da ética a partir de um ponto de vista teórico que ainda não é o das posições mais radicais, posteriores a 1785. Nesta ética, Kant ainda não dispunha das noções elaboradas de imperativo categórico e da doutrina dos postulados. Trata-se de um escrito em que se pode ver uma das possibilidades de desenvolvimento da ética kantiana – ainda muito dominada pelo confronto com as teorias tradicionais da *obligatio* e dos *officia*. Procuraremos analisar os parágrafos deste texto que melhor documentam a recepção da ética de Epicuro e sua crítica *neste quadro teórico*. Analisaremos, sumariamente, a questão das fontes do conhecimento que Kant tinha do epicurismo e o valor da sua crítica.

I. Pierre Aubenque termina a sua notável conferência no VIII Congresso da Associação Budé sobre «Kant e o epicurismo»¹ indicando duas perguntas para as quais o historiador da filosofia deveria procurar uma resposta: 1) Quais são as fontes do conhecimento que Kant tinha do epicurismo? 2) Qual o valor da interpretação kantiana do epicurismo? Queremos orientar a nossa breve exposição por estas duas questões limitando o alcance das considerações que apresentaremos ao domínio da moral e tomando como base de análise textual os textos das *Lições de Ética*, mais especificamente, a *Moral-Kaehler*. É bem conhecido que Kant publicou os seus textos sobre questões éticas já bastante tarde². Contudo, também sabemos que o seu interesse pela filosofia prática é muito anterior. Lecionou, com regularidade, sobre ética e antropologia, desde o ano académico 1756/7. A sua oferta de cursos sobre estas matérias aumentou a partir de

¹ AUBENQUE (1969): 301-302.

² A *Grundlegung zur Metaphysik de Sitten* de 1785 é o seu primeiro texto exclusivamente dedicado a questões de ética.

1770 quando assumiu a cátedra de Lógica e Metafísica. Desses cursos posuímos um conjunto de notas dos estudantes cujo interesse é inegável para o conhecimento do pensamento kantiano apesar dos cuidados com que é necessário manusear estes textos. Essa é uma das razões que nos levou a escolher a recente edição das notas Kaehler, do semestre de inverno 1773/4 ou 1774/5. Por um lado, estas notas são consideradas, pela crítica mais recente, como as mais próximas da matriz originária das lições proferidas por Kant do conjunto de 13 manuscritos relativos ao período 1774-79 que deram origem às várias edições das *Lições de ética*. Seja qual for o veredicto final sobre a reconstrução crítica destes textos, parece fora de dúvida que a edição de Werner Stark³ oferece um nível de fiabilidade e informação complementar muito superiores às edições publicadas por Menzer e Lehman. É esta edição de W. Stark que usaremos neste artigo citando com *Vorlesung über Moralphilosophie*.

Aubenque, como a maior parte dos estudiosos, refere-se apenas às obras publicadas de Kant. Apesar de só terem sido traduzidas para línguas latinas mais tarde (1971, it.; 1978, fr.; 1988, es.), já em 1961 Josef Schmucker tinha comprovado o seu carácter kantiano e o seu interesse para uma melhor compreensão do pensamento ético kantiano. Os textos das Lições de Ética, e da Moral-Kaehler em particular, permitem-nos perceber melhor o quadro em que se foi desenvolvendo o formalismo kantiano e as diversas soluções ensaiadas para problemas centrais como os da motivação moral, relação entre sensibilidade e entendimento e para a questão dos princípios da moral. As questões que se colocam no contexto de uma interpretação mais detalhada do pensamento ético kantiano são complexas e não afectam directamente a questão que pretendemos analisar. Os argumentos que levam Kant a distanciar-se de Epicuro na Moral-Kaehler devem ser vistos à luz do quadro teórico que as informa sem projectarmos nessa discussão os elementos da sua posição mais radical apresentada na *Grundlegung der Metaphysik der Sitten* e na *Kritik der praktischen Vernunft*.

Mas passemos à análise da questão das fontes do conhecimento que Kant tinha de Epicuro.

II. Tendo em conta a data atribuída à Moral-Kaehler consideraremos apenas as obras publicadas até 1777. Vejamos o que Aubenque nos apresenta como fontes possíveis do conhecimento do epicurismo. Para além de

³ KANT (2004).

manuais correntes na época⁴ limita-se a apontar os autores latinos antigos como fontes possíveis. Seriam, neste contexto, particularmente relevantes Lucrecio e Cícero. Deste último, além do *De fato* e do *De officiis*, admite ainda a possibilidade de se considerarem as obras de Cícero *De natura deorum*, *De finibus*, *Academica*⁵. Na discussão, em resposta a uma observação de E. Tielsch segundo a qual Kant teria conhecido bem a obra de Lucrecio mas não teria conhecido Epicuro nem talvez Diógenes Laércio, Aubenque limita-se a contestar, invocando o conhecido estudo de Klaus Reich sobre «Kant e a ética dos gregos»⁶, que alguns textos de Kant indicam que ele tinha um conhecimento muito exacto de obras de Cícero como é o caso do *De officiis*⁷.

Tudo isto parece manifestamente insuficiente como resposta à primeira questão. Klaus Düsing⁸ aponta como principais fontes do conhecimento das doutrinas éticas de Epicuro, Diógenes Laércio e Cícero (*De finibus*). Admite ainda, num primeiro plano, Lucrecio e Séneca (*Epistulae morales*). Só em segundo plano menciona Brucker⁹. Este modo de colocar a questão parece mais exacto e, globalmente, correcto ainda que incompleto. Sem entrar em demasiados pormenores históricos e deixando de lado toda a tradição dos tratados de história da filosofia, designadamente franceses, penso que seria oportuno sublinhar a importância de Diógenes Laércio X e de um conjunto de obras directamente dependentes do intenso labor de edição do texto de Diógenes Laércio nos sécs XVII e XVIII. Isto sem esquecer, obviamente, o influente artigo de Pierre Bayle sobre «Epicuro»¹⁰. Independentemente dos resultados a que chegaríamos numa investigação mais demorada, não podemos continuar a proceder como se Brucker fosse o primeiro e único historiador da filosofia daquela época.

De facto, a principal fonte do conhecimento de Epicuro, naquela época, era o texto de Diógenes Laércio (X)¹¹. Se é certo que o texto grego das melhores edições de Diógenes Laércio publicadas nos sécs XVII e XVIII é significativamente diferente das edições mais recentes de Long e Marco-

⁴ Dos quais cita BRUCKER (1747).

⁵ AUBENQUE (1969): 302.

⁶ REICH (1935).

⁷ AUBENQUE (1969): 303.

⁸ DÜSING (1976): 42.

⁹ BRUCKER (1742).

¹⁰ BAYLE (1697) s.v. «Epicuro».

¹¹ Cf. ARRIGHETTI (1973).

vich¹² não podemos esquecer que também ele foi sujeito a um importante processo de revisão filológica desde a *editio princeps*¹³. O papel de Gassendi no estudo e na divulgação do epicurismo é bem conhecido apesar de não ser tão conhecido o trabalho analítico e crítico desenvolvido em torno de Diógenes Laércio x. Para além dos textos que publicou em vida devem ser tidos em conta, a edição póstuma dos *Syntagma philosophiae* e as edições das obras completas de Lyon e de Florença¹⁴. Claro que não podemos ter a certeza de que Kant leu estes textos de Gassendi apesar da proximidade conhecida relativamente a algumas teses que vão muito para além das doutrinas de Epicuro. Kant menciona muito poucas vezes Gassendi e nunca em relação com temas de ética. Contudo, talvez não seja de excluir a possibilidade de Kant ter lido alguns destes textos e outros deles dependentes, dado o lugar de relevo que Gassendi teve no movimento de reabilitação da filosofia de Epicuro. Desta literatura, mais ou menos directamente ligada a Gassendi, gostaríamos de mencionar outro autor pouco referido neste contexto e que me parece digno de nota. Referimo-nos a Charles Batteux (1713-1780), mais conhecido pelas obras no âmbito da estética e teoria literária mas que também escreveu dois textos interessantes no domínio da história da filosofia. Em 1758 publica uma obra sobre *La morale d'Épicure, tirée de ses propres écrits*¹⁵. Esta obra, que Kant poderá ter lido no original, foi traduzida para alemão e publicada em 1774, em Mitau, muito perto de Königsberg, cerca de três anos antes do curso de ética a que se refere o Ms de Kaehler. O que estes e outros textos parecem indicar, independentemente do facto de Kant os ter lido ou não, é que havia naqueles anos um interesse vivo na filosofia de Epicuro e na sua moral muito particularmente. Cremos que não só o interesse de Kant por Epicuro está influenciado por este movimento complexo de reelaboração do epicurismo mas também a sua própria visão da história da filosofia designadamente no que se refere à conhecida apreciação que Kant fazia de Epicuro como cientista: «Epicur ist der berühmteste Naturforscher der Griechen»¹⁶. A desvalorização total da filosofia medieval é frequentemente justificada em Kant pelo efeito da

¹² LONG (1964), MARCOVICH (1999). Cf. REALE (2005). E está já publicada a nova edição crítica de Tiziano Dorandi para a colecção Cambridge Classical Texts and Commentaries, vol. 50: Dorandi (2013).

¹³ FROBENIUS (1533).

¹⁴ GASSENDI (1658), (1684) e (1727).

¹⁵ BATTEUX (1758).

¹⁶ Kant, *Danziger Physik* AA, xxix, 107

Reforma. Porém, não deixa de ser curioso notar a coincidência de juízos num autor como Batteux¹⁷. Depois de fazer a análise das ideias dos filósofos gregos sobre as causas primeiras, dos pré-socráticos ao epicurismo e primeiro estoicismo, pergunta-se se faria sentido continuar a investigação com a análise das doutrinas dos gnósticos, dos padres da igreja, dos escolásticos que se teriam limitado a acrescentar uma série de questiúnculas inúteis à filosofia dos padres da igreja. Pensa que o leitor lhe agradecerá tê-lo poupado a tão penosa quanto inútil jornada introduzindo-o, ainda que brevemente, no essencial da filosofia e ciência modernas.

Le lecteur nous saura gré de le transporter tout d'un coup dans ces temps heureux, ou l'esprit humain renouvelé, si j'ose m'exprimer ainsi, par l'ignorance de douze siècles, et renaissant de lui-même, sans préjugé, nous donnera une philosophie toute nouvelle.

On sent bien que je veux parler du siècle de Descartes, de cet homme de génie qui a fixé en lui l'époque du renouvellement des sciences, et qui a appris au genre humain à penser: car c'est ainsi que l'Europe a parlé de lui pendant un siècle¹⁸.

Kant compartilha com Batteux não só a admiração por Descartes mas também muitas das expressões usadas para definir o que é uma filosofia esclarecida e crítica, desde a libertação do preconceito até à aprendizagem do pensar. Dado o modo peculiar de Kant lidar com a história da filosofia e suas fontes não podemos ir além de conjecturas neste domínio. O que nos importa é salientar a plausibilidade de considerarmos este texto como mais uma fonte possível do conhecimento que Kant tinha de Epicuro e da sua moral, «a partir dos seus próprios textos» (naturalmente os contidos em Diógenes Laércio X).

III. Ao contrário do que acontece com as obras publicadas por Kant, nos textos das suas lições de ética encontramos numerosas referências à história da ética. Isto é tanto mais surpreendente quanto os textos de Baumgarten por ele usados (*Initia, Ethica*) primam pela omissão de qualquer referência aos autores e textos representativos das doutrinas mencionadas. A primeira referência a Epicuro na *Vorlesung über Moralphilosophie* ocorre logo na introdução quando Kant faz uma síntese dos sistemas morais da

¹⁷ BATTEUX (1769).

¹⁸ BATTEUX (1769): 415.

antiguidade¹⁹ para discutir a questão principal, a do princípio da moralidade²⁰. A partir daí, vai seguindo os tópicos dos manuais de Baumgarten à luz dos resultados já obtidos. Vamos limitar-nos aos primeiros textos até porque Epicuro só aparece mencionado mais duas vezes, na segunda parte da *Vorlesung über Moralphilosophie* quando Kant comenta a *Ethica*, p. I, c. II (*officia erga te ipsum*).

Kant começa por afirmar que na base de todos os sistemas morais dos antigos estava a questão do *Summum Bonum*. Distinguiam-se precisamente na resposta que davam à questão de saber em que consistia o Bem Supremo que ele designa aqui como um *ideal*, entendido como o critério fundamental a partir do qual julgamos tudo quanto há de bom. Ainda antes de mencionar as diversas posições da ética antiga, adianta algo decisivo sobre a sua pré-compreensão do bem supremo quando diz que «ao mundo mais perfeito pertence a felicidade (*Glückseligkeit*) das criaturas racionais e a dignidade (*Würdigkeit*) destas criaturas àquela felicidade»²¹. O bem supremo, nesta perspectiva, só existe, em rigor, quando encontrarmos nas pessoas estas duas coisas²². Distingue, então, três ideais de bem supremo, nos antigos: 1) o ideal cínico de simplicidade natural; 2) o ideal epicurista de sagacidade; e 3) o ideal estóico do sábio. A estes acrescenta dois ideais que considera ultrapassarem a perspectiva naturalista dos primeiros: o ideal platónico (místico, fanático) e o ideal de santidade dos cristãos²³.

Neste contexto, Kant critica Epicuro por ter pretendido dar um móbil à virtude mas nenhuma dignidade. «O bem supremo de Epicuro» – continua – «era a felicidade ou como ele a designava a volúpia (*Wollust*), isto é o contentamento interior e um coração alegre»²⁴. Kant sabia que o próprio Epicuro se tinha demarcado de algumas interpretações do seu hedonismo que continuava a ser mal entendido. Menciona, a propósito, a *Carta a Meneceu*²⁵. A volúpia da frugalidade auto-suficiente do sábio aí descrita é interpretada por Kant no sentido de Epicuro aceitar uma subordinação da moralidade à felicidade. Do mesmo modo, Epicuro teria pro-

¹⁹ KANT (2004): 9-20.

²⁰ KANT (2004): 20-34.

²¹ KANT (2004): 13.

²² KANT (2004): 12.

²³ KANT (2004): 17-18.

²⁴ KANT (2004): 18.

²⁵ Diógenes Laércio X 130-132.

metido, indevidamente, «ao homem o contentamento consigo mesmo se conseguisse previamente que o seu estado fosse feliz (*glücklich*)»²⁶. Kant justifica a sua reserva porque o contentamento pode ser «pragmático» ou «moral» e estes dois tipos não se devem confundir, como tantas vezes sucede, diz Kant. Ora, Epicuro quando descrevia o «ser feliz» como um «agir de tal modo que nem o próprio nem os outros tenham nada que censurar»²⁷ não estaria a distinguir de modo suficientemente claro o ponto de vista «moral» do «pragmático». Se nos lembrarmos que na especificação dos ideais da ética antiga já tinha afirmado que o modelo de Epicuro é o «homem do mundo» (*Weltmann*)²⁸, podemos entender melhor o sentido da reserva de Kant.

Kant fecha esta primeira apresentação sumária dos ideais da ética antiga com uma observação que afecta, globalmente, todos os sistemas da filosofia pagã e que nos remete para um problema complexo que não vamos aqui explorar, o da relação entre religião e moral em Kant. Conclui dizendo que os antigos não tinham acesso a

outra perfeição moral que não fosse aquela que podia brotar da natureza do homem, e como esta era muito defeituosa também o eram as suas leis morais; o seu sistema moral, portanto, não era puro, adaptavam a virtude à fraqueza do homem; por conseguinte, era incompleto²⁹.

Até que ponto a concepção teológica de uma *natura relapsa* ainda está aqui actuante e como ela vai evoluir no pensamento de Kant designadamente em função do lugar central que a noção de *summum bonum* vai continuar a desempenhar, muito para além desta fase, é uma questão demasiado complexa que nem sequer podemos aqui formular de um modo minimamente satisfatório.

Regressando ao texto da *Vorlesung über Moralphilosophie* vemos Kant preocupar-se com a definição do princípio da moralidade operando ainda com a distinção entre um *principium diiudicationis* e um *principium executionis*. O primeiro é que permite distinguir aquilo que é moralmente «bom» do que o não é. O segundo deveria permitir responder à questão:

²⁶ KANT (2004): 19.

²⁷ KANT (2004): 19.

²⁸ KANT (2004): 17.

²⁹ KANT (2004): 20.

*cur hoc bonum a me faciendum?*³⁰ Na determinação do primeiro princípio, Kant aproxima-se já bastante das formulações conhecidas dos textos publicados, sublinhando o carácter *a priori*, não empírico, «puro», intelectual desse mesmo princípio. A razão e o coração são os dois pólos de onde dimanam estes dois princípios. Na medida em que reconhecia, aqui, um papel fulcral ao sentimento moral, Kant podia fazer um juízo mais positivo da moral de Epicuro e de autores como Shaftesbury. Mas, no diz respeito ao primeiro princípio, de determinação da moralidade, o juízo de Kant acerca da moral de Epicuro já é muito severo. Precisamente porque parte de um princípio «empírico» da «sensibilidade»³¹, a moral de Epicuro é incapaz de reconhecer o imperativo moral que enuncia a *bonitas moralis* da acção em e por si mesma³². Não restam dúvidas quanto à posição de Kant neste texto relativamente à origem do critério dos juízos morais:

Das principium der Moral ist also ein pur reines intellectuelles principium der reinem Vernunft. Dieses reine intellectuelle principium kann aber wieder nicht tautologisch seyn und in der Tautologie der reinen Vernunft bestehen³³.

Ao rejeitar enunciados tautológicos Kant abre uma frente que não podemos seguir mas que lhe vai permitir criticar formulações de muitos autores modernos como Wolff, Richard Cumberland e a doutrina de Aristóteles do μέσον (a que se refere como *Mittelstrasse* ou princípio do *tene medium*).

Concluindo, não podemos aceitar a interpretação de Düsing, alegadamente baseada na Refl. 6607, segundo a qual Kant consideraria a ética de Epicuro «falsa», do ponto de vista do *principium diiudicationis* mas «verdadeira» relativamente ao *principium executionis*. É verdade que Kant não rejeita tudo o que a ética de Epicuro contém na medida em que considera aceitáveis muitas das normas morais contidas na doutrina do «verdadeiro Epicuro». É isto que o texto da *Vorlesung über Moralphilosophie* e da Refl. 6607 dizem sendo claro que em ambas se considera inadequada a ética de Epicuro quanto àqueles dois princípios da moralidade.

³⁰ Kant, *Nachlass*, Refl. 6972.

³¹ KANT (2004): 21-22.

³² KANT (2004): 28.

³³ KANT (2004): 60.

IV. Terminamos com uma resposta muito sumária à questão do valor da interpretação kantiana da moral de Epicuro. É óbvio que Kant aplica a Epicuro – e a todos os antigos – esquemas categoriais que lhes são estranhos. Mas isto, por si só, não é negativo desde que não impossibilite a percepção da real diferença das posições filosóficas a criticar. É aqui que parece falhar a interpretação de Kant apesar de todos os esforços de reabilitação de Epicuro e demarcação face a interpretações incorrectas. Diríamos que a sua crítica da concepção «empírica» da εὐδαιμονία em Epicuro se entende, a partir do seu ponto de vista teórico, mas não logra convencer como refutação da ética de Epicuro. Como é sabido, desde logo porque Kant tem alguma dificuldade em compreender, exactamente, o lugar sistemático da εὐδαιμονία na ética antiga.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRIGHETTI, G. (1973): *Epicuro, Opere*, Torino.
- AUBENQUE, P. (1969): «Kant et l'épicureisme», *Actes du VIII Congrès de l'Association Guillaume Budé*, Paris: 293-303.
- BATTEUX, P. (1758): *La morale d'Épicure, tirée de ses propres écrits*, Paris (*Die Moral des Epikur*, Mittau 1774).
- BATEUX, P. (1769): *Histoire des causes premières*, Paris.
- BAYLE, P. (1697): *Dictionnaire historique et critique*, Rotterdam (5ª ed. 1740).
- BRUCKER, I. (1742): *Historia critica philosophiae*, Lipsiae.
- BRUCKER, I. (1747): *Institutiones historiae philosophicae*, Lipsiae.
- DORANDI (2013): *Diogenes Laertius. Lives of Eminent Philosophers*, Cambridge.
- DÜSING, K. (1976): «Kant und Epikur. Untersuchungen zum Problem der Grundlegung einer Ethik», *Allgemeine Zeitschrift für Philosophie* 1/2: 39-58.
- FROBENIUS, H. (1533): *Diogenes Laertius*, Basileae.
- GASSENDI, P. (1658): *Opera omnia*, Lugduni.
- GASSENDI, P. (1684): *Syntagma philosophiae Epicuri*, Amstelaedami.
- GASSENDI, P. (1727): *Opera omnia*, Florentiae.
- KANT, I. (2004): *Vorlesung zur Moralphilosophie. Herausgegeben von Werner Stark mit einer Einleitung von Manfred Kühn*, Berlin.
- LONG, H. S. (1964): *Diogenis Laertii Vitae philosophorum*, Oxford.
- MARCOVICH, M. (1999): *Diogenis Laertii Vitae philosophorum*, Stutgardiae.
- REALE G. (2005): *Diogene Laerzio. Vite e dottrine dei più celebri filosofi*, Milano [inclui o texto grego da edição de Marcovich, corrigido].
- REICH, K. (1935): *Kant und die Ethik der Griechen*, Tübingen.